

# PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO – OFÍCIO IMPOSSÍVEL OU DIÁLOGO IMPROVÁVEL

## PSYCHOANALYSIS IN EDUCATION – AN IMPOSSIBLE JOB OR AN IM- PROBABLE DIALOGUE

José Amilton da Costa<sup>1</sup>

Ana Cristina Medeiros de Azevedo Silva<sup>2</sup>

Cleide Dias Costa<sup>3</sup>

Marluce Araújo da Costa<sup>4</sup>

Salésia Medeiros<sup>5</sup>

**Resumo:** O presente artigo discute as interfaces entre as áreas da Educação e da Psicanálise apresentando as contribuições desta ao campo pedagógico, tratando o aluno como sujeito e não objeto. Para tal, observou-se o olhar psicanalítico aplicado à prática educacional, buscando conhecer as possibilidades e/ou impossibilidades dessa articulação, enfocando temas como a sexualidade, o desejo de saber, a afetividade e a transferência e, ao mesmo tempo, desvelando o papel das práticas educativas, na constituição e no devir do sujeito. Logo, reafirma-se a necessidade de interlocução

---

1 Graduado em Letras pós-graduado em fundamentos da educação-interdisciplinaridade, psicopedagogia institucional e clínica, gestão da educação pública; mestre em ciências da educação e doutor em ciências da educação pela Veni Creator Christian University

2 Graduada em Geografia; Graduação em Pedagogia; Pós graduação em Psicopedagogia Institucional; Professora e Tradutora de Brille; Mestre em Ciências da Educação; Doutora em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University

3 Graduada em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas; Especialista em Educação Inclusiva e Psicopedagogia; Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University

4 Graduada em Pedagogia; Pós graduada em Novas Tecnologias da Educação; Mestre em Ciências da Educação; Doutora em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University

5 Licenciatura Plena em Letras; Licenciatura plena em Pedagogia; Pós Graduação em Supervisão Educacional; Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University

entre essas áreas específicas, reiterando que a inter-relação é possível e contribui positivamente para o desenvolvimento de ambas e dos que delas se utilizam.

**Palavras-chave:** Teoria psicanalítica. Educação. Constituição do sujeito. Sexualidade. Pulsões. Transferência.

**Abstract:** This article discusses the interfaces between the fields of Education and Psychoanalysis, presenting the contributions of the latter to the pedagogical field, treating the student as a subject rather than an object. To this end, the psychoanalytic perspective applied to educational practice was observed, seeking to understand the possibilities and/or impossibilities of this articulation, focusing on themes such as sexuality, the desire to know, affectivity, and transference. At the same time, it reveals the role of educational practices in the constitution and development of the subject. Therefore, it reaffirms the need for dialogue between these specific fields, reiterating that this interrelation is possible and contributes positively to the development of both and those who utilize them.

**Keywords:** Psychoanalytic theory. Education. Constitution of the subject. Sexuality. Drives. Transference.

## Introdução

Como pensar a influência da psicanálise no domínio específico da educação? E quais as contribuições da psicanálise à educação e ao campo da aprendizagem?

Imaginar uma conexão entre a psicanálise e a educação provoca uma avalanche de ideias, uma discussão em torno das possibilidades e dos limites existentes entre ambas, com foco no ensino, na aprendizagem e nas relações entre o sujeito que educa e o ser que aprende além de uma reflexão sobre as possíveis aplicações da teoria psicanalítica à práxis educativa, dado que os dois campos

são muito distintos a começar pelos objetos de interesse e pelos profissionais que neles trabalham demandando esses saberes.

Abordando as interfaces psicanálise e educação, detectamos que a temática tem produzido discordâncias e debates históricos por haver uma dificuldade estrutural na articulação das áreas em questão. Vejamos, pois: enquanto a psicanálise estuda o inconsciente e a função do sistema psíquico; a educação objetiva o conhecimento, o saber cognitivo. O profissional daquela é o analista; e o desta, o educador. Se para a psicanálise, a base é o sujeito e seu intelecto; na educação, o foco central da aprendizagem é quase sempre o aluno. A Educação tem o olhar voltado para a normatização, oposto ao da Psicanálise, que preza pelo singular. A Psicanálise se ocupa da divisão do sujeito e, a Educação, da transmissão do conhecimento. Da mesma forma, a educação constitui um campo de conhecimento complexo, fundamentado em uma epistemologia e visão de homem, com objetivos e práticas específicos, diferentes dos da Psicanálise. O educativo propõe-se a uma busca de previsibilidade e controle, retirando de cena o não saber. Já o psicanalítico parte de um saber desconhecido pelos sujeitos (articulado com seu desejo inconsciente) e da impossibilidade de controle sobre tal. Por estas diferenças de objetos a educação e a psicanálise não ‘casam’: enquanto uma se preocupa em atender o desejo reprimido, a outra produz a repressão pensando, unicamente, em preparar o indivíduo de acordo com as regras sociais.

A partir da teoria freudiana sobre o Inconsciente iniciou-se uma nova concepção do indivíduo e a descoberta da Psicanálise trouxe novas formas de ver o homem, a cultura e o mundo. Esse possível diálogo inicia-se com Sigmund Freud, ao observar pontos de conexão e de contrastes entre as especificidades de tais áreas. No entanto, constatamos algumas oscilações teóricas, quanto à viabilidade e/ou aplicabilidade da psicanálise na educação. Mesmo assim, mostrou-se interessado pelas conexões que tais campos construiriam entre si, importou-se com essas interlocuções e idealizou como elas poderiam ocorrer. Segundo Millot (1979), partindo do caráter patogênico da educação, Freud imaginava que a pedagogia psicanalítica poderia reformar seus métodos e seus objetivos, tornando-se um instrumento profilático.

Em relação à Educação, a Psicanálise, ao longo de sua existência, tem uma contribuição um pouco solta no tocante aos fundamentos educacionais. A importância tanto para a pedagogia quanto para a psicanálise e a convergência duvidosa e polêmica entre tais disciplinas têm motivado estudos ou revisões compendiando as contribuições existentes sobre o assunto e as ligações entre esses campos.

Desde então, a Educação e a Psicanálise percorrem um caminho complicado, entrelaçando seus saberes e permitindo questionamentos sobre o ser humano, a relação aluno-professor, o prazer em aprender, a terapêutica da Educação, a linguagem etc. Assim, o corpo teórico da Psicanálise e o discurso social da Educação imbricaram-se em um processo de mudanças que afetou tanto o contexto educacional como o mundo institucional. Por meio dessas reflexões, podemos entender melhor enquanto educadores, como se processa o desenvolvimento emocional e mental em nossos educandos, pois o ser humano constitui-se como um todo, razão e emoção.

Para compreendermos melhor esta vertente bastante controversa entre psicanálise e educação, definiremos a psicanálise: a ‘ciência do vivido’, que concebe o sujeito dissecado; um método de investigação que associa o desenvolvimento psicosssexual ou sexualidade à constituição do sujeito, teoriza a noção de inconsciente e cria um novo conceito para o desejo. Shirahige e Higa (2004, p. 13), assim a definem:

A expressão Psicanálise designa uma ciência, uma área de conhecimento, uma escola psicológica que busca penetrar na dimensão profunda do psiquismo humano para conhecê-lo. Enquanto ciência possui um método, um conjunto de procedimentos para o estudo dos fenômenos humanos.

É por esta senda que a psicanálise encontrou espaço fecundo para se difundir nesse contexto, auxiliando tanto na compreensão do desenvolvimento emocional da criança, quanto na resolução das dificuldades escolares que impedem a expressão de suas potencialidades individuais, mas acima de tudo, apostando numa fértil conexão entre esses dois campos de conhecimento.

Essa discussão amplia o uso dos conhecimentos psicanalíticos, ao fundamentar uma série de atividades tais como a educação, a psicologia (individual e social), a psicopedagogia etc. e ao focar

o aluno, os educadores e as instituições. Afinal, sabe-se que a porta de entrada da Psicanálise para a teoria pedagógica encontra-se, justamente, no âmbito da “emergência pedagógica institucional” (FILLOUX, 1997).

A importância da Psicanálise para e a sua influência na educação surgem pelo conhecimento do processo de constituição do sujeito, nas suas relações sociais, emocionais e afetivas. Tendo como objetos centrais, a consciência e a pulsão, Freud apresentou os elementos essenciais para nossa vivência em sociedade, quais sejam a liberdade e a repressão - as barreiras entre o permitir e o coibir, atentando para o espaço de liberdade e a formação da autonomia como formadores imprescindíveis da autoconfiança do indivíduo. Também acrescentou a teoria da personalidade com as noções de inconsciente, consciente e pré-consciente; e as divisões id, ego e superego. O Id começa com a pulsão do desejo; o Ego funciona como o princípio da realidade que está de acordo com o ambiente; já o Superego, por sua vez, como o sensor moral, constituindo-se a partir da ética que se consolida com a repressão ou o limite imposto pela escola, os educadores e os pais. Demonstrou ainda, os mecanismos inconscientes de defesa aflorados como artifícios do organismo no estabelecimento do nosso equilíbrio, quais sejam: (1) A repressão é despertada quando a dor e o sofrimento são provocados, acarretando o esquecimento de algumas situações; (2) A projeção consiste no valor no outro como uma barreira; (3) A função reativa acontece no tratamento ao contrário, o ‘suposto aposto’ adequado por uma convenção social ou pessoal; (4) O isolamento funda-se em preencher a dor com outros artifícios para completá-lo; (5) A sublimação baseia-se na utilização dos instintos por uma perspectiva que a sociedade e o individualismo ocultam, ou seja, por substituições. É utilizado para reprimir conteúdos impróprios à cultura e à sociedade atuais, bem como para frear as pulsões sexuais, possibilitando que estas se manifestem de modo prazeroso, promovendo a evolução do aprendizado através de diversas outras atividades.

Desta feita, podemos encontrar na bibliografia da psicologia e da psicanálise as linhas da psicopedagogia que abordam os conhecimentos sobre o aprendiz e seu entorno. Olhando o contexto teórico cronologicamente, constatamos a ascensão da psicanálise no campo psicopedagógico, partindo

dos estudos de Sigmund Freud (teorias), das obras da filha Anna Freud (pedagogia psicanalítica), dos conhecimentos de Donald Winnicott (o lúdico) e das contribuições de Jacques Lacan e Pichon-Rivière (conceitos), ao apontarem que as dificuldades afetivas interferem na cognição e na aprendizagem do aluno.

Saliente-se que, no início do século XX, o discurso da psicanálise consolidou no imaginário social a consciência da vida psíquica e emocional das crianças e de sua relevância na formação do adulto. Por isso, todos os conceitos freudianos (regressão, fixação, repetição, recalçamento, transferência) estão ligados à sobrevivência ativa da criança internalizada em nós.

Segundo ele, muitas dessas coisas são impostas à criança pela educação, no cerne do conflito entre sexualidade e civilização, sendo o objetivo principal dela, intervir na sociedade, para controlar as pulsões sexuais através de inibições, proibições ou supressão dos impulsos, e produzir sujeitos compatíveis com os ideais sociais vigentes, o que nos remete às frustrações presentes em todas as relações inter-humanas e na própria realidade.

De acordo com Ciaccia (1997), as funções específicas da Psicanálise e da Educação não podem ser sobrepostas, mas vivem em certo contraste. O fato é que ambas tratam do mesmo objeto humano, o que já caracteriza uma sobreposição: a Educação, por meio da promoção educativa e a Psicanálise, através da promoção terapêutica (FILLOUX, 1997). Diante disso, a psicanálise serve como contributo teórico para desvendar e compreender as relações que se estabelecem entre esses sujeitos no processo educativo.

De acordo com Freud, os estudos psicanalíticos devem servir mais na orientação e auxílio ao professor na difícil tarefa de educar, pois o ser humano vive numa constante luta entre suas forças internas, regidas pelo princípio do prazer (id) e as forças externas que impõem juízos de valor (superego) sobre esses desejos. O educador precisa ajudar o aluno (educando) a buscar esse equilíbrio na construção do eu (ego) para que a aprendizagem possa ocorrer de forma eficaz.

Sendo assim, a psicanálise, enquanto disciplina nova, não pode exercer o papel da educação nem resolver os problemas inerentes à escola, entretanto poderá auxiliar no conhecimento, na

articulação e no desenvolvimento das funções mentais e inconscientes dos atores desse processo, dado que o trabalho educacional é algo subjetivo não devendo confundir-se com a influência psicanalítica nem ser substituído por ela.

Nesse tocante, Rosa (2003, p. 220), reforça que:

É preciso ver o sujeito na sua singularidade, evitando a estereotipia e a padronização que servem para afastar os que deveriam estar unidos e mediados pela diferença, no contexto do ensinar e do aprender. O ensino não pode ser patologizante, nem adaptativo. O ensino deve levar em conta as possibilidades e capacidades dos alunos sem responsabilizá-los pelo próprio fracasso”.

Portanto, já é possível uma interlocução entre os dois campos científicos pela existência da contaminação de uma sobre a outra: a Educação na forma de demanda e a Psicanálise na produção do saber, cuja relação se dá mais na ordem de uma transmissão do que de um ensino. Como diz Filloux (1999, p. 9), concomitantemente a psicanálise se apresenta como uma prática e um saber; ao passo que a pedagogia refere-se à prática ou à teorização desta.

Segundo Millot:

Freud com conhecimento de causa, afirmava que era preciso incluir a psicanálise entre as profissões impossíveis, ao lado da educação e da arte de governar. As três repousam sobre os poderes que um homem pode exercer sobre o outro mediante a palavra, e as três encontram os limites de sua ação... no fato de que não se submete o Inconsciente - pois é ele que nos sujeita (1987, p.151).

Sabiamente Couto (2003) traduz vários significados da tarefa de educar e da sedução sob a ótica da psicanálise e da educação como uma ponte entre o conhecimento sedutor e uma obra em construção (a educação). Para a psicanálise, a educação é apenas o itinerário, a trajetória, o caminho; não a chegada ou o fim almejado; um encontro com as diferenças e a diversidade, onde a linguagem sustenta os sujeitos desejantes do educador e do educando e, onde as contradições ou paradoxos permeiam toda a relação.

Assim, enquanto a pedagogia tenta ignorar a realidade subjetiva (o inconsciente) da condição humana, esperando que o aluno seja um ser idealizado (segundo crenças, padrões e cultura), formatado através de normas que o fazem aprender (isentando-se a escola e o professor), a psicanálise aponta para essa realidade adversa visando os sujeitos que agem e interagem, numa dinâmica de desejo (no sentido lacaniano) e transferência em que o conhecimento é o objeto desejado pelo professor e pelo aluno.

Lacan (1970) aponta que o desejo nasce na vontade de saber sobre a origem, o sexual e o desejo do Outro. Em Freud, a pulsão epistemofílica (desejo de conhecer) manifesta-se na criança pela ânsia de saber sobre o sexual, ligando-se à vontade de investigar que surge com a sexualidade ou ‘pulsão sexual’ (prazer) em relação ao ‘objeto’ do conhecimento, a qual deve ser satisfeita ou apaziguada, contribuindo para a constituição psíquica do sujeito e sua extensão desejante. Quando sublimada, essa pulsão aparece como fonte motivadora pelo desejo, a observação, o interesse, a curiosidade, a arguição, o desvendar, despertados a partir da dissolução do complexo de Édipo (base universal da personalidade). Revelando que o ser humano possui vários tipos de pensamento (prático, cogitativo e crítico), o estudo freudiano ressalta a importância que tem a escola de poder proporcionar o desejo de aprender no sujeito.

Dito de outra forma, a atividade intelectual depende da sublimação e da identificação com o professor o qual exerce papel elementar no aflorar desse desejo. Na perspectiva psicanalítica, a origem da pulsão do saber permite o sujeito ter o objeto de conhecimento como satisfação ou prazer, e a relação professor/aluno como transferência positiva contribuindo para facilitar o aprendizado e se obter melhores desempenhos.

Daí, inibição/castração, compulsão e sublimação serem os destinos da relação do sujeito com o desejo de saber, por acreditar que a ênfase ou o foco não está, prioritariamente, nos conteúdos propriamente transmitidos de professor para aluno, mas especificamente na maneira como é passado, ou seja, na relação inconsciente de transferência que se estabelece entre os mesmos, através de um vínculo afetivo, podendo este ser negativo ou positivo.

Com relação à educação, Freud sempre preferiu uma leitura mais abrangente dos conceitos educativos como crítica ao sistema educacional “ao destacar que ela reduzia o sujeito a um simples apêndice da sociedade, ao se nortear por ideais sociais e culturais gerais” conforme explica Mrech (p.16, 2005), indicando que a educação não é uma preparação para a vida do sujeito, mas a própria vida do aluno.

A Psicanálise ensina que é necessário o semblante do mestre, para despertar o desejo de saber no outro. Se o professor desejar ‘embriagar-se’ na psicanálise como sugere Kupfer (1997), deverá rever seus conceitos e postura ética para usar esses conhecimentos em sua prática educativa. Assim, podemos entender que o ensino é mediado por um outro, representado pelo professor, que exercerá essa função para o aluno, de maneira que ele possa aprender ou não. No que diz respeito à aprendizagem por identificação, percebe-se que através de modelos pessoais significativos o ser humano se motiva no sentido de equiparar-se na sua autoimagem.

Assim, há inúmeras formas de lidar com os desejos e com a curiosidade sexual da criança no contexto escolar. Kupfer reitera que as pulsões parciais possuem e a sexualidade infantil confirma um caráter errático. Nesse caso, se o professor estiver munido de um aparato teórico psicanalítico, saberá direcionar muitos desses desejos sexuais, suprimindo sua origem sem restringir a intensidade, isto é, sublimando-os. Ou seja, o conhecimento psicanalítico do educador sobre o desenvolvimento psicosexual contribui para a realização de atividades pedagógicas adequadas a cada fase, ajudando a se compreender melhor certas dificuldades escolares apresentadas pelo aluno e, em última análise, a formar indivíduos emocionalmente saudáveis.

A sublimação, ora citada, baseia-se na utilização dos instintos por uma perspectiva que a sociedade e o individualismo ocultam, isto é, por substituições. É utilizada para reprimir conteúdos impróprios à cultura e à sociedade atuais, bem como para frear as pulsões sexuais, possibilitando que estas se manifestem de modo prazeroso, promovendo a evolução do aprendizado através de diversas outras atividades.

Em outras palavras, canalizando essa energia da pulsão para outros fins/objetivos/ caminhos,

não sexuais, embora relacionados, mantendo a busca da satisfação ou prazer na medida em que são valorizados culturalmente em função da sua utilidade social, tendo a educação um papel elementar neste processo - responsabilizar-se pela transformação operando a restrição pulsional. Com isso, o sujeito se volta para atividades socialmente aceitáveis/valorizáveis.

Consoante Kupfer (1989), Freud defende que, durante a constituição sexual dos humanos, há práticas de natureza perversa, as quais, não resistindo à repressão, submetem-se ao domínio das práticas genitais com o objetivo da reprodução. No entanto, Freud nunca se preocupou em construir técnicas ou métodos educativos. Na abordagem winnicottiana, as ‘aberrações’ ou perversões adultas são causas diretas do mau desenvolvimento emocional infantil.

Aprender e ensinar apontam, deste modo, para seres de desejo – professor e aluno –, tendo por objeto desta relação (transferencial) o conhecimento. Assim, o aprender para Rosa (2003, 214), significa:

Aprendizagem não é aquisição de um comportamento qualquer, mas de comportamentos que podem mudar a ação, os sentimentos e os pensamentos sobre a realidade. A aprendizagem representa uma possibilidade de mudar as percepções sobre a realidade, a generalização e a aplicação de novos conhecimentos na vida e nas salas de aula.

Sobre a importância da relação professor-aluno, de acordo com a teoria freudiana, é necessário que o professor saiba sintonizar-se emocionalmente com seus alunos uma vez que a aprendizagem depende desse relacionamento, dessa empatia e de um clima favorável para que se estabeleça. Além disso, os estudos psicanalíticos revelam que o ser humano transfere situações vivenciadas anteriormente bem como demonstra resistências a experiências reprimidas.

Indiscutivelmente percebe-se que a psicanálise exerce uma influência na formação dos educadores posto que uma educação psicanalítica destes poderá liberá-los de suas próprias infâncias e possibilitar uma mudança de atitudes, uma nova relação consigo mesmo e com seus educandos. Entende-se, aqui, que não se pode confundir o trabalho pedagógico com uma intervenção psicanalítica

e nem substituir um pelo outro, pois a transmissão da psicanálise pode ser feita por diversos canais além do divã. Então, essas questões referentes aos educadores remetem a fenômenos como a transferência aluno-professor, a pulsão do saber, a afetividade, o acesso ao simbólico e as identificações (ALMEIDA, 1998) reafirmando, em nível educacional, o modo intrínseco como a Psicanálise e a Educação se cruzam.

Lacan defende que o pensamento se constitui na relação com o outro, o inconsciente se estrutura na linguagem e o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Logo, o desejo de saber é uma dívida materialmente impagável em relação ao Outro, pois é uma dívida simbólica.

Na escola hodierna, sempre nos deparamos com várias situações de conflitos ocorridas no contexto da sala de aula e da escola. Vivemos uma época em que os valores se perderam e o respeito se torna cada vez mais ausente gerando conflitos que envolvem professores e alunos. Sendo a escola, em qualquer nível, construída sobre laços sociais, podemos esclarecer o despertar do desejo de saber na criança, como um projeto dos pais e da escola. Portanto, o fracasso escolar seria um modo de se opor a este projeto?

De um modo geral, há um esforço para pensar esta questão na escola, à luz do cognitivismo, por um viés que exclui o sujeito do desejo, e espera do aluno competências pré-estabelecidas, inatas. Por isso, Lacan vê o fracasso escolar como uma negligência ao prazer do saber por parte do professor.

Para aprender, a criança deve estar ciente de que algo lhe falta após o rompimento da fase narcísica; precisa descobrir-se e entender que para se relacionar com outros tem que suportar suas opiniões, compreender que outros sabem coisas das quais ela não sabe e que o mundo não gira em torno de seus desejos e pulsões (BARONE, 1993).

Santiago (2005) discorrendo sobre os sintomas escolares da relação do sujeito com o saber, em seu livro *A inibição intelectual na psicanálise*, demonstra como as dificuldades de aprendizagem, ao serem submetidas ao discurso científico, acabam marcadas por diagnósticos oscilantes entre “patologia” e “disfunção”, caracterizando-se como déficit do aluno.

Mas, na ótica do aluno, o educador é aquele que sabe, cultua o saber, detém o conhecimento e

o poder. Neste caso, necessita conscientizar-se do seu verdadeiro papel no processo, para se colocar no lugar de conhecedor de convicções consolidadas cultural e socialmente, e tornar-se o mediador entre o aluno e o conhecimento. Como este é marcado pela linguagem e expresso pelo registro simbólico, não é absoluto podendo ser acrescido e, até, modificado.

A postura do discente com o conhecimento é o objeto do desejo que se propaga na relação professor-aluno, fruto da identificação que este tem com o outro social, representado pelo educador, o despertador desse desejo... de essencial importância no processo de transmissão (ensino) e aquisição (aprendizagem) do conhecimento, sendo ele o mediador/ dirigente desse processo numa relação triangular (ALMEIDA,1998).

No processo educativo, a subjetividade dessa relação professor-aluno-conhecimento se dá por meio de uma relação transferencial onde o aluno se submete ao desejo do professor, quando o aprendente toma o ensinante como aquele que detém o saber e o poder, para ser o mediador entre o aluno e o conhecimento.

Referindo-se ao termo transferência Lagache (1990, p.18), afirma que,

Em sentido lato, a transferência, cuja origem é inconsciente, designa o conjunto das manifestações afetivas da criança, nomeadamente em relação ao docente, sob a forma afetuosa ou hostil, em outros termos, sob a forma de transferência positiva ou negativa. Na situação educativa, o aluno transfere para o docente algumas experiências vividas com os pais e reaviva por intermédio da pessoa destes sentimentos experimentados anteriormente ou então simultaneamente porque convém não esquecer o tipo de relação com os pais que a criança conhece ao mesmo tempo. Por vezes, a transferência traduz a procura de uma satisfação mantidas em suspenso e que exige ser alcançada.

Na psicanálise, a transferência designa a atualização de desejos inconscientes experimentados nas relações primordiais parentais (família). Assim, pode-se estabelecer em outros contextos intersubjetivos como na relação professor-aluno, pela proximidade histórica, pela duração do processo de ensino-aprendizagem (da infância à fase adulta) e pela função da instituição escolar e dos educadores (ANDRADE, 2004).

Sobre a educação e o conceito de transferência,

Sabe-se hoje que essa relação pode variar entre a devoção e a admiração mais afetuosas até a inimizade e a hostilidade mais acirradas. Deriva das relações afetivo-sexuais anteriores e inconscientes do paciente. A transferência tanto positiva quanto negativa pode se transformar em poderoso instrumento terapêutico desempenhando um papel relevante no processo de cura. A transferência encontra-se também presente na relação professor-aluno e nos permite refletir sobre o que possibilita ao aluno acreditar no professor e chegar a aprender. É, portanto, um poderoso instrumento no processo de aprendizagem. Constitui-se, assim, numa contribuição essencial da Psicanálise à educação (SHIRAHIGE e HIGA, 2004, p. 36).

Com base nisso, podemos dizer que o termo transferência denota uma ideia de transporte ou deslocamento, um fenômeno que permeia quase todas as relações humanas, sendo usado na educação, mais especificamente, na relação professor-aluno. Dessa forma, a transferência é relacional, subjetiva e inconsciente, ocorre com qualquer pessoa, mediante a repetição de vivências ou lembranças reprimidas, a exteriorização de conteúdos individuais internos (CASSORLA, 2003), além da mera reedição do passado (BARROS, 1999).

Na relação professor-aluno, a transferência ocorre pelo grau de importância (simbólica) dado pela criança ao professor, por acreditar no que ele diz, no que tem para transmiti-la, o que induz o desejo de aprender o conteúdo ministrado, passando a escutá-lo e a colocar em prática por meio da admiração, do desejo, do afeto e da identificação com a imagem do professor, na qual o aluno se guia, atribuindo-lhe um papel afetivo tão especial, investindo-o do poder de influência (sujeito suposto saber). Nessa relação de transferência Kupfer (1989, p. 92), afirma,

[...] O analista ou o professor, colhidos pela transferência, não são exteriores ao inconsciente do sujeito, mas o que quer que digam será executado a partir desse lugar onde estão colocados. Sua fala deixa de ser inteiramente objetiva, mas que ocupa no inconsciente do sujeito.

A partir dessa suposição ou de sua ausência, o professor torna-se, ou não, uma figura de

autoridade (modelo estereotipado), um refúgio desse aluno, alguém em quem ele confia, a figura a quem serão endereçados seus interesses e as experiências vividas com os pais (KUPFER, 1989) - uma vivência reatualizada de relações primordiais anteriores (ALMEIDA, 1997 p.131) - esperando que o professor seja capaz de auxiliá-lo, o que, muitas vezes, não é uma tarefa fácil (NEVES; ALMEIDA, 1998).

Neste sentido, o professor adquire uma influência sobre o aluno para transmitir-lhe ensinamentos, valores e inquietações, tornando implícito o caráter transferencial da relação pedagógica. No fenômeno da transferência, o aluno transfere para o professor os sentimentos carinhosos ou agressivos da sua relação com os pais (GAGLIOTTO e MAIO, 2003, p. 156).

Ao encontrar-se revestido por esta transferência, o professor marca o percurso intelectual desse aluno, cujo desejo torna o seu professor excelente. É dessa relação que o aluno desperta inúmeras capacidades, desde as intelectuais até as potenciais e vivenciais como ser social. O aluno transfere para o professor (tipo ideal) as expectativas e o respeito ligados ao seu pai durante a infância, e, depois, começa a tratá-lo como trata o pai em casa, projetando na sala de aula o ambiente de luta presente no lar – transferência de expectativas e de ideais – fato explicado pelo Complexo de Édipo.

Toda relação estabelecida com uma criança depende do vínculo primário construído na família por meio do qual se torna possível compreender o seu padrão de relacionamento social. Para a psicanálise, o que pode facilitar a aprendizagem é a relação vincular necessária de confiança e verdade entre professor e aluno (transferência). Através dela pode emergir o desejo de aprender, transformando o ensino em algo prazeroso. Afinal, o aluno acredita que o professor realmente tem o controle para transmitir-lhe conhecimento, sendo este um grande aliado para a aprendizagem e um poderoso instrumento no trabalho pedagógico.

O afeto pode ser entendido como um estado emocional, um sentimento humano agradável ou insuportável, manifestando-se de forma física ou psíquica, de modo instantâneo ou protelado; o companheiro e a origem das neuroses, levando-se em conta a forma pela qual o ser humano se

comporta em e com relação a eles.

Freud crê na necessidade de construção e fortalecimento deste vínculo afetivo inicial para o bom desenvolvimento psicológico da criança. Todavia, essa relação harmônica, de plenitude e completude deve ter um limite - o pai, que exerce este processo de castração - o Complexo de Édipo. A importância disso está em proporcionar à criança uma independência emocional que garanta a qualidade de suas relações sexuais e sociais futuras.

A problemática na educação se estrutura em dois elementos básicos: o ensino- aprendizagem e a transmissão. Correa (2009, p. 02) defende a abordagem lacaniana de que a transmissão é transferência de saber, e tem como efeito o surgimento do amor ao saber, onde o sujeito tem sua estrutura baseada no Outro, quer dizer, a transmissão da tradição feita pela figura parental constitui uma herança simbólica, transmitida entre gerações. Logo, ‘só há transmissão e, portanto, educação, se estivermos imbuídos de e submetidos a essa autoridade (do pai)’ no Inconsciente. Na aprendizagem, estas analogias determinam, fundamentalmente, o êxito ou o fracasso do processo.

O educador também desperta naturalmente a “Contratransferência” (basicamente o mesmo que a Transferência no aluno). Significa despertar lembranças e sentimentos bons ou ruins pelo aluno, os quais influem diretamente no andamento das aulas, bem como no resultado do processo educacional, altamente dependente do empenho profissional. Cabe, então, ao professor buscar um equilíbrio psicológico para que, na existência de reações negativas inconscientes do aluno, ainda haja possibilidade de êxito do processo.

Com a ajuda da psicanálise, cabe ao educador conscientizar-se de seu papel e da importância da transferência na relação para adotar uma atitude ou postura reflexiva quanto ao exercício de sua função de educar que se dará através da linguagem, o meio eficaz de inculcar a cultura no Outro. É necessário que o professor esteja atento para não se tornar uma autoridade que impõe seu próprio desejo à criança assim como não criar expectativas em relação aos seus alunos o que pode colocar em risco a constituição do seu eu/sujeito desejante. Para Lacan, o discurso faz com que o ser humano se sujeite à linguagem, submetendo-se aos efeitos do significante; o que varia no discurso é o papel que

o sujeito ocupa como agente.

A reflexão de Lacan é marcante, no sentido de que “o desejo só pode surgir na relação com o Outro”. Desejo este que “se inscreve sempre entre a demanda e a necessidade”. É por isso que a educação é incompleta: a busca pela satisfação e o gozo pleno perdido na relação. Por isso na teoria psicanalítica, a relação afetiva entre professores e alunos se torna uma importante ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem.

No contexto atual, esse processo se estenderia do aprendiz em direção ao mestre e poderia ser utilizado como instrumento de ajuda para melhorar aspectos dessa ordem, podendo facilitar a aprendizagem do seu aluno. Afinal, como enuncia Pereira (1994, p. 208): “Ensinar depende sempre de um contrato, o que supõe dois termos e não um só, e que existe uma relação fundamental entre o ensino e a palavra [...]”.

Nesse caso, o ato educativo pode ser entendido como relação de amor em que a criança deseja aprender pelo seu desejo de ser aceita, recompensada e reconhecida como bom aluno. Desse modo, Andrade (2004) reconhece que a transformação do saber desejar em desejar saber não se dá sem que haja uma sustentação relacional, na qual transitam afetos, imagens, modelos, representações através do processo intersubjetivo e inconsciente da transferência.

O desejo de saber do aluno ocorre em paralelo ao processo de transferência, surge a partir do momento crucial – relacionado à angústia da ‘castração’ – que se bem administrado pela família e pelos professores leva o aluno a uma busca intensa de prazer através dos estudos. Caso contrário, propicia a formação de indivíduo apático do ponto de vista da aprendizagem.

Quando a criança tem a liberdade de buscar o conhecimento para satisfazer o seu desejo, consegue, com mais facilidade, internalizá-lo e, quando não lhe permitem, precisa se sujeitar à vontade do professor ou dos pais, desviando-se do seu próprio desejo. A proposta da psicanálise e a principal tarefa da educação é fazer com que o professor junto com o aluno satisfaça o prazer individual e as necessidades sociais. O espaço de aprendizagem deve propiciar a territorialização plena dos alunos, permitindo-os sentirem-se com o poder de transformar ou adequar o ambiente, o

que por consequência o tornará participativo nas aulas, e, futuramente, na vida social comunitária.

Assim referenciada, a Psicanálise figura como mais uma disciplina entre outras a compartilhar o sonho iluminista e capitalista do empreendimento pedagógico. Há, então, uma colonização pedagógica da Psicanálise, que propicia a pasteurização desta última. O analista por se abster de modelar, de querer guiar os pensamentos de seus analisados, apoia-se no inconsciente para suspensão do recalque e na transferência, como motor do seu trabalho, renunciando aos poderes, mas possibilitando a constituição do sujeito. Opostamente, para que a criança aprenda, cada vez mais o educador precisa manter essa transferência e sustentá-la como motor ou reforço para fortalecer o eu do educando.

É de extrema importância que o educador não exagere na repressão das pulsões manifestadas pelo aluno em sua infância. Ao invés de punições, o educador informado sobre as fases de desenvolvimento psicosssexual da criança, deve auxiliar o aluno no sentido da sublimação, canalizando suas energias sexuais para outras atividades sociais e culturais entendidas como objetos dessexualizados, evitando assim o recalque que gera a neurose. Tudo deve ser realizado na medida certa, pois não podemos esquecer que a criança também tem os seus limites e é investida de afetividade, sofrendo influências históricas e sociais.

O professor detentor de conhecimentos da Psicanálise encontra-se em melhores condições para compreender os comportamentos, atender às necessidades das crianças selecionar medidas e ainda fornecer oportunidades à criança de acordo com a ocasião. Ele deve estar preparado para perceber e lidar com os mecanismos de conversão da aula em um instrumento de libertação (sendo apenas o guia na construção dos saberes próprios do aluno, estimulando-o a produzir, alterar e interferir na realidade que o cerca) ou de alienação (convertendo o cotidiano do aluno em uma extensão da sala de aula).

À luz da psicanálise, os educadores deveriam saber sobre a influência que os acontecimentos infantis exercem nos comportamentos de seus alunos. Ou seja, devemos entender a nossa infância para desvendarmos as mentes dos nossos alunos, e assim, compreendermos o nosso papel - a função

de educador. Para alguns autores, o professor necessita confrontar-se com sua própria infância para poder compreender a criança a quem ensina. Melhor dizendo, é preciso que o professor conheça os fenômenos que permeiam sua relação com a criança, e possa compreendê-los, para evitar reações indesejáveis às provocações da mesma.

Percebe-se, aqui, a grande responsabilidade dos professores no contexto educacional, entre o dever docente e o desejo pessoal: explicar o saber teórico e guiá-lo na construção cognitiva; conduzir o processo; transmitir a cultura e a lei (função paterna); despertar/estimular o desejo de aprender e, ainda, provocar o sentimento de utilidade e poder no aluno. É inegável que, sem a boa formação (preparo) do professor, o amor à profissão e aos beneficiados por ela - os alunos, não há a mínima possibilidade de êxito no processo educacional.

A partir disso, há de se reconhecer o aluno inscrito por marcas essenciais que o determinarão como sujeito, o qual se articula a um campo social chamado escola e que processará sua aprendizagem de acordo com seu estilo próprio, mediado por um discurso social (KUPFER, 2000). Sendo assim, à medida que o professor estiver atento à relação transferencial pelo e com o aprendiz, poderá conduzir uma aprendizagem construtiva, articulada com aspectos de fundo social/normativo e de natureza interna/emocional. Então, a escola passará a ser lugar de informação e transmissão, mas também o tão sonhado espaço de criação (MACIEL, 2005).

Mrech (2008) explica que Lacan considera o conhecimento um ato inerte, já que não há um desejo genuíno de saber, nem a concepção ingênua de ensino, porque o professor não busca trabalhar novas possibilidades de prazer (gozo) dos alunos, levando-nos a entender que um dos motivos pelo fracasso escolar seja o desinteresse do aluno. Ela afirma ainda que “o pai, o professor e as figuras de autoridade perderam o lugar simbólico de poder e excelência” e, por este motivo, nos deparamos com fatores que dificultam o ensino, tais como a resistência de alguns alunos em aprender e de alguns professores em ensinar.

Nesse processo de apreensão dos olhares, as investigações captam os espaços educativos e seus participantes sob uma nova ótica: a queda dos modelos de orientação baseados na função paterna

e o estabelecimento de outro tipo de laço social não pautado apenas na significação. É nesse momento que entra o papel da Educação, como um elemento antagônico, pois não estamos mais orientados na sociedade pela figura de poder do pai, o que Lacan chamaria de relação entre a lei e o desejo, lei esta representada pela escola na figura do professor, o qual está mais próximo da criança observando o seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

Embora sempre exista uma relação intrínseca entre o desejo e o gozo, a educação ao ligar-se à moralidade e à cultura, valores impostos pela sociedade e determinantes para o ‘tornar-se’ humano (CIFALI & IMBERT, 1999), realiza o recalçamento social dessas pulsões, contro-lando o prazer e adaptando a criança à realidade e à sublimação (RIBEIRO, 2006) através da figura que o professor lhe representa, o qual determinará a forma como acontecerá o aprendizado e seu desenvolvimento. Por isso, quando o infante tenta chamar a atenção do professor por situações desagradáveis, não o faz aleatoriamente, mas por se encontrar preso às cadeias de gozo sem poder de libertação (MRECH, 1999).

De alguma forma, estamos lidando com algo que ultrapassa o modelo de indivíduo e de espécie - a vertente da singularidade, que permite ao sujeito ser considerado dentro de um contexto que vai muito além dele mesmo. Nesse caso, o papel do educador e da Educação, na perspectiva psicanalítica, é aceitar e mostrar que existem outros saberes além dos conhecidos, que nem o professor nem a criança tem as verdades absolutas, pois sempre haverá possíveis novos arranjos da realidade e, o ser humano angustiado, procura sempre uma satisfação plena, que nunca a alcançará.

Porém, do ponto de vista científico, torna-se difícil apreender o próprio objeto da Educação, dificultando o exercício do trabalho do professor e limitando a prática. Educar, hoje, não é mais transmitir conhecimento acumulado pelas gerações, nem assumir uma atitude de maestria em sala de aula, muito menos usar técnicas construtivas do saber pautadas no Imaginário ou no Simbólico. Educar é estabelecer novos laços com o real além do sentido e da significação (MRECH).

Mesmo que Freud não tenha intencionado apresentar uma proposta de educação, a psicanálise influenciou grandemente o pensamento educacional, não especificamente através da aplicação direta

de sua base teórica ao ensino, mas devido ao estudo do desenvolvimento humano e suas inter-relações. Nesse sentido, Freud vislumbra a educação como uma fábrica de neuroses (por não considerar os desejos dos alunos) e o ato educativo, como violento e ultrapassado. E aí só a psicanálise pode esclarecer esses pontos.

A nosso ver, a educação é castradora, repressiva, dominadora, coercitiva e traumática, quando visa adaptar a criança ao socialmente aceito - dominar seus instintos e inibir a liberdade plena (tornando dependente). O processo, em si mesmo, é violento e abusivo, desde a inserção da criança na educação infantil, onde quase tudo é artificial ou obrigatório como os próprios conteúdos, regras, filas, horários e avaliações. A organização da escola e a disposição das carteiras (fila indiana e militar) também constitui outra violência contra a criança; uma submissão a normas e regras como função de defesa contra a ansiedade e como desejo de falência das pulsões o que oportuniza o empoderamento e a autoridade do professor e, favorece as questões transferenciais e de identificação da rede de relacionamentos e papéis, tornando o sujeito aprendiz um ser ineducável, incapaz de efetivar no seu psíquico o processo educativo formal imposto pela escola.

Corroborando com essa ideia, Almeida expressa:

Coloca-se, dessa forma, o desafio que a psicanálise faz à educação: encontrar um optimum de educação, de sorte que ela se torne mais benéfica do que maléfica; que ela possa orientar a criança no controle de suas pulsões sem que, para isto, engendre necessariamente a neurose; que a educação psicanaliticamente esclarecida beneficie, em primeiro plano, os próprios educadores, sem torná-los, no entanto, um Outro absoluto ou um esvaziado de todo e qualquer sentido (1994, p.30).

Logo se depreende a forma ambivalente e difusa como a Educação se apresenta: de um lado o caráter impositivo da relação educativa e as limitações sociais inerentes ao ser humano e por outro, nenhum método pedagógico que preserve a criança de seus efeitos. Então, é necessário repensar a educação de uma forma geral e urgente: as instituições educativas enfrentam questionamentos e o modelo de ensino em voga não funciona. Por isso, não dá para limitar os contextos educativos apenas

às instituições educativas formais (escolas).

Para certos autores, talvez o maior contributo da psicanálise à educação seja a descoberta do seu poder controverso, nociva e simultaneamente necessária. Charles Melman diz que a relação com a educação é ambígua, pois a amamos muito, por questão de dever, e, ao mesmo tempo a odiamos por fracassar conosco. Então, o educador pode aprender com a psicanálise a refletir sobre sua prática pedagógica – postando-se como ser humano e como profissional.

É claro que devemos considerar a primeira tarefa da educação: enquadrar a criança no padrão desejado - assimilando a cultura social milenar em pouco tempo, controlando seus instintos e adaptando-se socialmente – uma escolha entre a não interferência e a frustração... Portanto, uma questão de decidir quanto proibir, em que hora e por que meios.

O educador, agora, se vê diante de um grande dilema: não saber mais como se conectar com os seus alunos. Por sua vez, tem se tornado cada vez mais importante obter novos referenciais: conhecer a individualidade psíquica de cada criança; reconhecer o que se passa em sua mente através de pequenos atos/gestos; dar-lhe amor e ao mesmo tempo ser autoridade.

Para resolver esse problema, seria necessária, além da medida profilática, a formação psicanalítica de professores. Na opinião de Anna Freud (1971, p. 99), em termos educacionais, o analista tem a função pedagógica de entender o que se passa com a criança não somente no âmbito interno, mas também externo, investigando o que ocorre no ambiente em que se encontra, como o núcleo familiar e a escola.

A contribuição da psicanálise à educação, portanto, consistiria essencialmente na descoberta da nocividade desta, ao mesmo tempo, que da sua necessidade. Não há aplicação possível da psicanálise à pedagogia; não há pedagogia analítica no sentido de que o pedagogo alinharia sua posição subjetiva com a do analista, e adotaria “uma atitude analítica” para com o educando. Tudo o que o pedagogo pode aprender da e pela análise é saber pôr limites à sua ação – um saber que não corresponde a nenhuma ciência, e sim à arte (MILLOT, 2001, p. 154).

Conforme Almeida (1998, p.), “Se é verdade que o professor se confronta, de fato, na prática pedagógica, com o real de educação, no sentido de impossibilidade de qualquer garantia de uma ‘boa educação’, o aluno se confronta com o real do desejo de saber sempre insatisfeito”. E de fato, a impossibilidade de uma ‘boa educação’, completa e segura, não existe, pois o objeto de desejo nunca será satisfeito, até porque só o objeto simbólico pode produzir efeitos de significação. Ao professor não cabe a função de desencadear a sublimação, por esta ser inconsciente. Entretanto, ele poderia ao menos abrir uma escuta para o desejo do aluno, ressignificando essa perda, numa relação cíclica de reconquista, com inúmeras possibilidades - uma nova dimensão essencialmente criativa e emocional: de afeto e de implicação, a partir de um circuito direcionado para eles mesmos.

A abordagem psicanalítica de Winnicott aponta dois aspectos importantes para essa questão da educação e da aprendizagem: a espontaneidade ou a não submissão bem como tudo aquilo que gira em torno dela ou de sua ausência além do brincar. Nessa linha, enquanto o professor visa o enriquecimento de conteúdos e conhecimentos, o psicanalista busca entender os processos de crescimento da criança e eliminar os bloqueios que impedem o desenvolvimento do indivíduo, fazendo o uso terapêutico do brincar para um crescimento e uma autêntica aprendizagem de forma espontânea, criativa e cotidiana. Assis (2007, p.75) diz que

É muito importante que os educadores notem que os fenômenos e objetos transicionais estabelecem a relação necessária entre o subjetivo e o objetivo, entre o interno ao indivíduo e o que lhe é externo, entre a fantasia e a realidade. Dessa forma, possibilitam o espaço o sonho, a esperança, a criatividade, as artes, a religião, a ciência e, ressaltamos, para a curiosidade e, consequentemente, para a aprendizagem.

Para Correa (2009, p. 03) Freud ainda sugere que a educação bem sucedida deve partir da premissa da necessidade de superação da dependência do sujeito com as figuras parentais. No olhar psicopedagógico, isso significa que para entendermos as atitudes e dificuldades de nosso aluno, devemos, antes, entendermos com quem o aprendiz convive e quem são suas figuras parentais. Então, a partir da teoria psicanalítica, como ocorre a relação professor-aluno?

Na perspectiva da psicanálise, essa relação vai além dos conteúdos transmitidos na sala de aula, permeia a área afetiva e envolve o desejo e a curiosidade de aprender. A psicanálise se interessa à educação quando leva a criança a suspender os recalques e o educador a não abusar do papel de desprendimento do narcisismo, evitando colocar a criança como seu Eu-ideal.

Geralmente, o professor concebe a transferência entre professor e aluno através do modelo clássico, pautado na condução da aula, por um tipo de relação equidistante com o aluno o qual pode se manifestar, de preferência sob a expectativa de apresentação de alguma produção posterior. Esse modelo encontra obstáculos porque o aluno atual tem extrema resistência em trabalhar conteúdos; não ler os textos propostos; não executa as atividades estabelecidas; e grande parte deles falta ou chega atrasada.

Os pedagogos sabem que o desejo de aprender é fundamental, contudo parecem esquecer a ‘importância das fontes libidinais do desejo de conhecer e a influência inibitória do recalque sobre a curiosidade intelectual’. Aqui, a curiosidade é entendida como diretamente atrelada ao sexual da infância, que tanto desperta o complexo de Édipo quanto o de castração. Pois, para a psicanálise, os métodos e as técnicas empregados não são tão importantes quanto o desejo de aprender.

E quanto aos professores, o que os impulsionam a querer ensinar? Como se dá a relação dos alunos, nos seus desejos inconscientes, com os professores no processo de aprendizagem? Frente a tais indagações, ainda à luz das ideias de Andrade (2004, p.93), podemos acrescentar que,

[...] os educadores são também movidos por seus desejos inconscientes que os vinculam, desde há muito, aos muitos aspectos do saber que ensinam, assim como aos alunos – que lhes garantem o lugar daqueles que sabem e que, numa situação ideal, são objetos do desejo pedagógico de que venham também a saber, pelo aprendizado. [...] é a aliança entre o desejo de aprender do aluno e o desejo de ensinar do professor que inconscientemente provê a relação professor-aluno de impulsos que funcionarão como motivadores da aprendizagem.

O professor sendo um sujeito marcado pelo desejo inconsciente – sente-se impulsionado para a função de mestre. Muitas vezes, o professor rejeita o aluno por este ser diferente do que considera

um ‘aluno ideal’, mas não assume a rejeição; e, num processo de transferência, diz que o aluno é que não quer aprender.

Nesse processo que envolve situações de ensino e aprendizagem, a relação professor-aluno implica uma interação humana móvel, contínua, dinâmica e transformadora, na qual as manifestações do aprender e da afetividade são características constantes e capazes de refletir tanto o êxito quanto o fracasso do aluno e do professor. Logo, a relação empática entre professor e aluno depende, basicamente, da amizade, do companheirismo e do diálogo estabelecido entre ambos (KIECKHOEFE, 2011).

A espera de ‘fórmulas mágicas’ e ‘receitas prontas’ para sanar os problemas de aprendizagem paralisam o professor e o impedem de buscar o conhecimento teórico que fundamente a sua prática pedagógica, dificultando a reflexão e a re-significação para a melhoria desse fazer diário.

Com propriedade, Millot (1987) afirma não existir uma educação orientada psicanaliticamente, pois o educador ocupa uma posição ideal, jamais ocupada pelo analista. Acredita-se que o reconhecimento da angústia, da falta e do conflito, como próprias do ser humano, pode ajudar o educador a compreender melhor e aceitar os limites de sua própria ação. E aí a psicanálise pode nos esclarecer os mecanismos psíquicos sobre os quais se baseia o processo educativo, desmistificando, mediante o vínculo afetivo, essa projeção inconsciente ou espécie de romance familiar idealizado ou fantasioso, moldada em nossa relação parental real ou substitutiva, dos pais idealizados, imaginários e perfeitos, a qual afeta tanto o educador quanto a criança, buscando levar a uma apreensão mais lúcida da realidade (MILLOT, 1979). Portanto, o papel de um professor orientado psicanaliticamente é guiar os seus alunos para se ocuparem com atividades intelectuais, estimulando o próprio processo de sublimação.

Eis, certamente, a contribuição mais positiva da psicanálise aplicada à educação – trazer à tona os mecanismos de idealização como aspectos fundamentais na relação educativa.

Portanto, fica claro que, na Educação de acordo com o psiquiatra argentino Pichon-Rivière (2000, p. 79), o aluno precisa ter um vínculo positivo não somente com a matéria ensinada, mas com

todo o ambiente escolar em si, motivado pela vontade do conhecer, do saber, no qual o resultado desse aluno seja a criação, produção ou ação perante os objetos de estudos.

Como dizia Freud (1913-4),

Quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da psicanálise, será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil e, entre outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. Pelo contrário, vão se abster de qualquer tentativa de suprimir esses impulsos pela força, quando aprenderem que esforços desse tipo com frequência produzem resultados não menos indesejáveis que a alternativa, tão temida pelos educadores, de dar livre trânsito às travessuras das crianças.

Como alerta Hamilton Werneck, no seu livro ‘A boa escola é a que reprova; o bom hospital, o que mata’, a banalização de noções psicanalíticas, a aplicação distorcida de conceitos e proposições ou o ensinamento equivocado podem causar incompreensões e mesmo danos irreparáveis aos sujeitos. Desta feita, a educação não deve funcionar cegamente, mas ser um lugar do desejo e de uma atitude de invenção permanente, na instituição e no enfoque, levando-se em conta os procedimentos e as relações intersubjetivas.

Pensar e fazer a Educação, reconhecendo as possibilidades do inconsciente que nos constitui, possibilita-nos (re)tirar os aprendizes/ensinantes da posição de objeto (os indisciplinados, os rebeldes, os incapazes, os disléxicos, os hiperativos etc.) e deslocá-los para a posição de sujeito (de desejo). Ao mesmo tempo, isto também pode operar uma mudança na posição do professor (o detentor do saber) para aquele que também aprende. Ato recíproco, no qual desejo, conhecimento e prazer permeiam e transformam o ato de aprender e de ensinar.

Nessa perspectiva, os professores devem abordar o seu conhecimento, sem resumir-se a métodos pedagógicos, posto que tais processos trilham objetivos, resultados e metodologias, uniformizando o aprendizado e não respeitando as estruturas inconscientes do subjetivismo. O professor deve lidar com uma sala de aula, negando todo o seu papel repressor imposto culturalmente;

aceitando que cada aluno digere o conhecimento de uma maneira singular, ou melhor, o aluno só irá aprender o que realmente lhe fizer sentido, tendo em vista as suas necessidades psicológicas. Enfim, o profissional da educação deve sair do reducionismo, ser menos repressor e aceitar que a atuação em sala de aula colocá-lo-á frente à diversidade, o que já descarta resultados uniformes e a homogeneidade nos contextos educativos.

### **Considerações finais**

Diante do entendimento de que a relação entre Psicanálise e Educação é de aplicação e por não dispormos de algum método pedagógico de base psicanalítica, não significa dizer que a Psicanálise nada tem a ver com Educação.

Sempre que intencionamos lançar o olhar da Psicanálise sobre outras áreas do conhecimento, deparamo-nos com um impasse de seu uso extraclínica. Talvez, seja pertinente enxergar as contribuições que ela oferece aos mais diversos campos de saberes: a educação e a psicanálise se correlacionam quando tratam da relação da aprendizagem com seu aprendiz, ao analisar o desejo do sujeito que a psicanálise aporta.

Para Freud, a educação e a psicanálise se aproximam por serem impraticáveis uma vez que se colocam sobre o poder que o ser humano exerce no outro; por acreditar que a educação visa um enquadramento modelar da criança, não correspondente à natureza infantil ou aos instintos humanos, violentando seus desejos inconscientes mediante o processo de socialização.

É claro que, na tentativa de sistematizar, aplicar ou ajustar os conceitos das teorias freudianas aos das teorias pedagógicas, encontramos distorções, engessamentos, reduções e simplismos nas abordagens sobre Educação quando fazem uso da Psicanálise. A racionalidade pedagógica pode até demandar uma psicanalização do cotidiano escolar, como demandou uma psicologização, mas o sujeito humano não pode ser totalmente adestrado e conhecido; ele é, acima de tudo, relacional e em permanente constituição.

Atualmente é preciso vivenciar as teorias Freudianas e aplicá-las cada vez mais na educação para entendermos como se processa o desenvolvimento emocional e mental do aluno, haja vista termos uma educação que ainda trata os alunos como homogêneos, usando metodologias que ignoram a diversidade e, muitas vezes, os professores não analisam proficuamente o porquê de determinados fracassos escolares ou dificuldades de aprendizagem, os quais poderão estar ligados a problemas emocionais ou a metodologias equivocadas que não respeitam a maneira individual de construção do saber nem as etapas evolutivas dos educandos.

Educação é um processo em constante transformação, onde cada um é mobilizado a querer saber mais de si e do mundo, a buscar estratégias para novos problemas e sucessivamente deparar-se com novas questões. Já educar é tornar-se melhor sempre para atuar no mundo de uma forma consciente e responsável; é olhar para além do que se percebe e enxergar metas aonde se quer chegar. Se o educador reconhecer a existência do inconsciente poderá renunciar a toda fantasia de domínio e de adestramento. O grande desafio é começarmos a refletir sobre o como estamos fazendo educação, passarmos a escutar os ‘apelos silenciosos’ a que estamos nos deparando como fracasso escolar, evasão, indisciplina, desmotivação de professores e alunos.

Esse campo, marcado por incongruências e problemas diários, não se limita apenas a receitas formatadas, a saberes planejados ou a racionalizações comportamentais, mas a um conjunto de valores, proibições, pulsões e subversões sobre os quais a Psicanálise parece ter muito a dizer. A princípio, refletir sobre esta questão requer uma postura essencialmente política e ideológica, sempre se colocando no papel de aprendiz na construção do conhecimento e na aquisição dos saberes os quais fundamentam a relação ensino-aprendizagem.

O fracasso escolar do aluno e da própria escola tem sido objeto de reflexão e de crítica de vários estudiosos ao retratar que o sistema educacional brasileiro possui uma competência profissional duvidosa dos docentes, um modelo institucional autoritário, perverso e caduco, e indivíduos ainda inacabados e submissos a esse meio.

A escola, enquanto instituição, utiliza um discurso pedagógico que idealiza um ensino

sem conflitos ou contradições, tratando o sujeito como objeto, no discurso universitário e, como consumidor, no discurso do capitalista. Porém no cotidiano escolar, não cabe a singularidade, nem para o aluno nem para o professor, ao se buscar a homogeneização do comportamento e não se levar em conta o sujeito. Assim sendo, resta a seguinte indagação: Como a educação imbuída desses discursos pode dar lugar ao desejo de saber?

As maiores contribuições da Psicanálise para a educação em geral ocorrem através do estudo do funcionamento psíquico e dos processos mentais, onde se dá a aprendizagem, do estudo das tipologias de pensamento, da aprendizagem mediante os processos de identificação e de transferência que acontecem na relação professor-aluno.

Os professores precisam continuar trabalhando, tecendo seus saberes por meio da formação continuada, mesmo conscientes de que a educação ideal é impossível. O corpo docente e equipe escolar necessitam orientar-se pela ótica da psicanálise para refletir sobre a prática pedagógica e descobrir um espaço apropriado, um novo jeito de se relacionar entre si e com seus alunos, favorecendo a aprendizagem e o desejo de conhecer.

Alguns autores associam ainda, que exista um perfil profissional, traços de personalidade e características pessoais facilitadoras do trabalho educativo e, portanto, sugerem a inserção de instrumentos psicológicos como ferramentas de trabalho nos programas de formação e nas reflexões das práticas.

Provavelmente uma possível articulação entre a psicanálise e a educação seja a criação de um espaço de ausculta ou momentos de observação dos profissionais envolvidos no processo educativo, dentro de sua prática em sala de aula e fora dela, para que se conscientizem e ressignifiquem suas convicções, anseios e atitudes na função de mediadores entre o aluno e o conhecimento. Quiçá essa aproximação entre a psicanálise e a pedagogia possibilite uma melhor compreensão para interpretarmos nas outras pessoas os mesmos atos que nos recusamos aceitar como mentais em nós mesmos.

Reitera-se que, no processo pedagógico, o grande alvo será sempre o sujeito, além e acima de infraestrutura, insumos tecnológicos e todas as inovações que se possam incorporar. A pedagogia,

como tarefa humana, prescinde de uma visão abrangente, que se nutra da interdisciplinaridade, que se componha de uma abordagem holística sobre a formação do sujeito - agente de transformação - e, não só adaptá-lo, destruindo sua subjetividade nem tornando-o escravo do seu tempo.

Em função disso, parece-nos que a saída seja um olhar psicanalítico dos professores sobre o pensar e o fazer pedagógicos num espaço de reflexão que ressignifique posturas, valores e práticas, cada um se responsabilizando por suas ideias e ofícios. Não significa dizer que a psicanálise irá resolver todos os problemas da educação nem será a única forma de minimizá-los: ela pode dialogar com outros campos de saberes, afetá-los e ser afetada; pode enriquecer o entendimento e a intervenção junto ao ser humano, na clínica ou na escola, prestando auxílio, muitas vezes não os resolvendo, mas apontando outras possibilidades.

Ao se tratar da educação, a relação da aprendizagem e seu aprendiz se interliga diretamente com as dificuldades de aprendizagem não orgânicas (baixa autoestima, conflitos, medos, traumas, a relação do eu-ambiente externo, o aluno e seu entorno - a escola, o lar e os amigos) já que disciplina e aprendizagem fluem somente quando o aluno está motivado afetivamente, e seus traumas superados.

Portanto, mais do que ensinar ou colaborar na construção cognitiva, os que se colocam no lugar da transmissão de um suposto saber (professores) têm a responsabilidade de aceitarem o desafio – de ocupar o lugar – vazio por excelência e ainda inconcluso, mas preenchido pela expectativa ou esperança de ascender-se a esse ‘locus’ privilegiado onde se supõe haver uma ferramenta que abrirá portas a esse sujeito-aprendiz nomeado aluno. Enquanto todas as grades não forem derrubadas libertando as diferenças e a subjetividade, o verdadeiro saber não for permitido, a afetividade não se tornar um ingrediente indispensável nesse fazer e, a valorização não deixar de ser apenas ideológica – o professor não ocupará esse espaço. Com certeza, se estiver consciente da impossibilidade de preenchê-lo (mas da necessidade de ocupá-lo) sua função será exercida sem os mantos que vestem os campos destinados ao poder (a hipocrisia e a arrogância).

Essa concepção requer do professor tanto um domínio teórico (conteúdo) quanto um conhecimento pedagógico (metodologia) para a seleção de estratégias que colabore na adequação

ou na reorganização dos conceitos do aluno. Exige, também, um aprofundamento das relações humanas, pois acima de métodos e técnicas de ensino, interagem pessoas de diferentes formações, afetos, carências e demandas onde, na maioria das vezes, se insere a figura do educador (mediador), totalmente despreparado e detentor de todos os conflitos possíveis.

O Professor não deverá mais ser um transmissor de conhecimento, mas alguém que introduza o aluno na cultura, oferecendo-lhe abertura para o conhecimento e a integração das formas sociais. Assim, o aluno não verá o professor como o dono do saber a ser transmitido, mas como um cultor, um intermediário, provisório, na sua inserção, implicação e consequência cultural que não fixa limites, busca apenas responsabilizá-lo por suas experiências em sala de aula, pelas atividades que executam. Com isso, não mais interessa punir, porém comprometer o próprio aluno em seu processo educativo - em que o trabalho do professor tenha uma significação essencial e o próprio aluno redefina a sua forma de participar. Através do conteúdo apresentado, o sujeito entrelaça-se culturalmente e vice-versa, num movimento de criação, de privilegiamento do aluno, levando o sujeito a se auto-formar, a procurar o seu caminho, o seu modo de fazer.

Tal visão do processo ensino-aprendizagem pressupõe uma reorganização da grade curricular e dos conteúdos a serem trabalhados, necessitando de uma abordagem mais ampla sobre o conceito de 'disciplinas'. Sem dúvida, busca-se a interdisciplinaridade como meta ou atitude epistemológica que ultrapassa os hábitos intelectuais estabelecidos ou os programas de ensino, na medida em que o conhecimento não deve ser fragmentado em disciplinas isoladas, mas trabalhado de forma global e interacional.

Já que a escola vive um momento de transição – onde o modelo vigente falido reflete-se no conflito entre o que foi e o que há de vir, sem discutir as verdadeiras causas que conflitam a reflexão pedagógica sobre a crise educacional deve debruçar-se sobre toda e qualquer abordagem conceitual que beneficie o sujeito no processo ensino-aprendizagem: avaliando, simultaneamente, a posição do educador e sua formação como indivíduo e técnico. No afã de conservar-se tal modelo, inserem-se as novas tecnologias, fala-se em mais eficiência, busca-se produtividade, adaptam-se os sistemas

educacionais para a intensa competitividade, cria-se uma nova metodologia redentora de um passado que se perpetua ideologicamente sob a máscara da modernidade.

É visível que a Psicanálise não mais ignora a Educação, dado a educação terapêutica ser uma forma de intervenção interdisciplinar. Tanto aquela quanto esta procura ajudar o indivíduo a buscar sua autonomia, a refletir e dar sentido às atividades, porém ambas devem também, cada uma em seu devido espaço, melhorar a instituição ‘escola’ para a construção de uma sociedade mais justa, mais humana e igualitária.

Enfim, se não vivermos uma mudança profunda para recriarmos um sistema genuíno de transmissão do saber e construção do conhecimento, não sairemos da estagnação e da falência em que nos encontramos enquanto educadores e instituição. A escola continuará, sob essa máscara, a produzir sujeitos em série apenas adaptados à engrenagem – receptores de conteúdos, submissos e alienados a uma ordem – sem condição de reflexão e de transformação.

Precisamos refletir, ainda, quem somos nos nossos desejos, por que nos tornamos educadores e de que forma estamos atuando na educação para que possamos remover nossas barreiras internas que contagiam a educação e reproduzem um discurso vazio de significado sem buscarmos uma solução para tantos desencontros. Façamos, pois, um exercício diário sobre nossas escolhas: continuar ou abandonar a profissão. Se optarmos pela continuidade é necessário indagar de que forma poderemos transformar nossa prática para que a Educação se torne respeitada a começar por nós.

Em suma, podemos resumir as conexões entre a Psicanálise e a Educação entre os elementos abaixo relacionados. Percebe-se, pois, como a (1) transferência aluno-professor passa a ser mediada pela (2) afetividade e pelo mecanismo de (3) identificação, em que a (4) pulsão do saber e o (5) acesso ao simbólico reforçam o processo de aprendizagem.

Diante do exposto, conclui-se que: (1) a psicanálise, enquanto fundamento teórico e prático, contribuiu para a sustentação dos pressupostos filosóficos da ‘Escola Nova’, forjada no ideário liberal, como alternativa ao ensino tradicional; (2) para a constituição do ser psíquico adulto e autônomo é imprescindível assegurar ao máximo uma formação basilar educativa saudável e segura, em instituições

protetoras (familiar e escolar), sob aspectos ou rotinas psicoafetivas, nas modalidades organizacionais, na qualidade e na dinâmica relacional, nas abordagens metodológicas, na composição das equipes, nas atividades, no acolhimento e na prática pedagógica, na disponibilidade dos profissionais, no respeito à diversidade, entre outras, pois sabemos que as demandas, queixas ou críticas institucionais refletem as fantasias parentais projetadas, que estão além do discurso manifesto. Nesse sentido, estamos todos envolvidos no processo educativo, dispendo-nos a descobertas, interpelações e contestações, mobilizados por nossas crenças, convicções e certezas.

### **Referências Bibliográficas:**

ALMEIDA, S. F. C. de e BUCHER, R.(orgs.). Psicologia e psicanálise: desafios. Brasília: Editora UnB, 1994.2ed.

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Do saber desejar ao desejar saber: contribuições da psicanálise à educação escolar. In: SALES, Vilma Fernandes; SILVA, Margarida Sonia M. do Monte; BATISTA, Jaqueline Brito Vital. (Orgs.). Psicologia na educação: um referencial para professores. João Pessoa: Editora Universidade, 2004. p. 79-110.

BARONE, Leda. De ler o desejo ao desejo de ler: Uma leitura do olhar do psicopedagogo. Petrópolis: Vozes, 1993.

BARROS, E. M. da R. O inconsciente e a constituição de significados na vida mental. Psicologia USP, São Paulo, v. 10, n. 1, 1999.

BASTOS, Flávio Corrêa Pinto. O desejo de aprender: uma visão psicanalítica da educação. Revista Trilhas, Belém, ano 4, nº 1, p. 95 – 104, julho, 2004.

CASSORLA, R. M. S. Procedimentos, colocação em cena da dupla (“Enactment”) e validação clínica em psicoterapia psicanalítica e psicanálise. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 25, n. 3, 2003.

CIACCIA, A. Da educação à psicanálise. Revista Estilos da Clínica, São Paulo, ano II, n. 2, 1997.

CIFALI, Mireille; IMBERT, Francis. Freud e a pedagogia. São Paulo: Loyola, 1999.

COUTO, M.J.B.D'E. Psicanálise e educação - A sedução e a tarefa de educar. São Paulo: Avercamp, 2003.

FILLOUX, J. C. A psicanálise e os impasses da educação. Anais do I colóquio do Lugar de Vida. LEPSI. São Paulo: IP/ USP, 1999.

FREUD, S. O interesse educacional da psicanálise. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 224- 226. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, 13.)

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro e MAIO, Cláudia. O sabor do saber: O doce e o amargo na educação. In: Giseli Monteiro Gagliotto, Maria José Castelano, Sonia Marti. (Org.). Educação Pública, Política e Cultura. Francisco Beltrão: 2003.

HADDAD, Jane. Psicanálise e Educação: uma Interlocução Possível. São Paulo, 2011.

KIECKHOEFE, Joziane Cardozo. As relações afetivas entre professor e aluno. 2011. Disponível em: <educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5202\_2668.pdf >. Acesso em: 19 maio. 2013.

KUPFER, M<sup>a</sup> Cristina Machado. Educação para o futuro: Psicanálise e Educação. São Paulo: Escuta, 2 ed. 2001.

\_\_\_\_\_. Freud e a educação: o mestre do impossível. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1989. (Série: Pensamento e Ação no Magistério).

LACAN, J. O seminário livro 17, O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAGACHE, Daniel. A transferência. São Paulo: Martins Fonte, 1990.

MACIEL, M. R. Sobre a relação entre educação e psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. Interface, Botucatu, v. 9, n. 17, 2005.

MELMAN, C. Educa-se uma criança? Porto Alegre: APPOA. Artes e Ofícios Editora, 1994.

MILLOT, C. Freud antipedagogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. Tradução: Ari Roitman.

MOTA, Janaina. A presença do afeto no cenário pedagógico. 2007. 142 f. Dissertação Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Brasília, 2007. Disponível em:<<http://biblioteca.fe.unb.br/pdfs/2007-05-142055JanainaMota.pdf>>. Acesso em: 13 maio. 2013.

MRECH, Leny Magalhães. Psicanálise e educação: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 2003.

MÜLLER, Luiza de Souza. A interação professor – aluno no processo educativo. 2002. Disponível em:< [http://www.usjt.br/proex/produtos\\_academicos/276\\_31.pdf](http://www.usjt.br/proex/produtos_academicos/276_31.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2012.

NEVES, M. M. B. da J.; ALMEIDA, S. F. C. de. Relação professor-aluno: um enfoque sob o ponto de vista de alguns conceitos psicanalíticos. In: I Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões – Trata-se uma criança. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

PEREIRA, M. R. A transferência na relação ensinante. In: CALLIGARIS, C. (org.) Educa-se uma criança? Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

RIBEIRO, Maviane; NEVES, Marisa. A educação e a psicanálise: Um encontro possível. Disponível em: Acesso em: 23 de março de 2009.

ROSA, Jorge La (org). Psicologia e Educação: o significado do aprender. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SANTIAGO, A. A inibição intelectual na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SHIRAHIGE, Elena Etsuko; HIGA, Marília Matsuko. A contribuição da psicanálise à educação. In: CARRARA, Kester (Org.). Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004. p.13-46.